

A IMAGINAÇÃO É MAIS FORTE QUE A VONTADE?

AFINAL QUEM COMANDA A NOSSA FORÇA, E A NOSSA VIDA? O QUE VEMOS OU O QUE PENSAMOS VER? ESTE É DAQUELES TEMAS QUE MESMO QUE NÃO QUEIRAMOS ACABAMOS SEMPRE POR COLOCAR A DÚVIDA. EM NOME DA IMAGINAÇÃO, CLARO...

Numa altura em que tanto se debate e propõe a reconquista do poder da mente, muitas abordagens e propostas vão surgindo. Uma de carácter mais espiritual, outras mais mentais ou racionalistas. E assim se vai observando aquilo que para uns é uma espécie de despertar e para outros, uma ginástica mental. Debrucemo-nos e reflectamos com mais ou menos atenção sobre esta perspectiva. O que leva o ser humano a procurar este tipo de ferramentas numa era em que aparentemente a tecnologia das máquinas e dos circuitos integrados está tão desenvolvida? Será que este desenvolvimento tecnológico não se faz acompanhar da tão esperada e desejada melhoria de qualidade de vida? Não seria de esperar que num contexto em que cada vez mais as máquinas substituem o ser humano em tarefas repetitivas e desinteressantes esse mesmo ser humano usufruisse do tempo disponível?

Talvez toda a humanidade o fosse esperando. Esse advento mecanicístico-tecnológico parecia ser um passo estratégico para um maior hedonismo. O que não se verificou.

Assim em vez de uma existência mais prazerosa, a humanidade parece ter avançado numa relação escravizante que a transforma numa massa de gente hiper-reactiva a conteúdos, mensagens, paradigmas, modelos de consumo e outros formatos de felicidade apresentados mediaticamente como modas, tendências e obrigações sociais.

Os meios de comunicação procuram ditar as tendências da moda, orientar a opinião publicada em vez de difundir a opinião pública, e seres reactivos ou pouco pensantes procuram-se e ou estimulam-se. E assim se procura, também, ir impondo um modelo neo-industrial sobre uma massa central de gente apresentando aquilo que é "normal".

Ora face a essa dita "normalidade" que vai sendo imposta pelos média e pelos publicadores de opinião, observa-se uma contracorrente que questiona esse paradigma. Curiosamente, também este fenómeno vai sendo alimentado por um meio de comunicação emergente: a internet. Trazendo conteúdos bastante diversificados a quem procura outras filosofias ou modelos de vida.

As pessoas vão-se assim apercebendo que outras formas de ser feliz existem neste planeta e que uma família na Nova Zelândia consegue ser feliz com menos dinheiro e sem ter de viver na cidade. Surge então o pensamento: se é possível na Nova Zelândia ou na Finlândia, será possível aqui?

E este pensamento leva à busca de mais informação, acções de formação, livros e outras fontes que vão fazendo surgir uma nova forma de estar e de ser. Eventualmente menos consumista ou materialista.

Com estes e outros fenómenos a humanidade procura ir saindo da ratoeira em que parece ter-se colocado. Uma ratoeira consumista que lhe gerava tensões, ansiedades, depressões e outras perturbações. Muitas vezes físicas, mas na maior parte das vezes emocionais.

Este novo ser que se quer libertar procura então novas ferramentas para a libertação do seu pensamento. E aí reencontra uma fantástica capacidade sua: a imaginação. Quão poderosa e bela ferramenta de que o ser se tem afastado para viver por conta de uma imaginação colectiva arrebanhante e pouco ou nada estimulante.

Fantástica capacidade esta – a imaginação – que nos permite viajar no tempo, revisitando e tranquilizando memórias ou projectando e construindo objectivos. Esta é a imaginação de que a pobre Alice, perdida naquele estranho País das Maravilhas, se queixava de ter pouco disponível para imaginar o impossível. Esta é a imaginação que nos eleva vontades básicas, primitivas a outras formas de estar e de ser mais luminosas, grandiosas.

E assim o fumador se imagina a conversar com o seu coração e abraçá-lo num pedido sincero de desculpas. Ou o obeso que de forma grata assume um compromisso com o seu corpo, imaginando-se a rejeitar os doces e a fazer uma alimentação saudável.

Ou ainda o ansioso, tenso se pode imaginar deitado na sua praia preferida a desfrutar do balanço de uma confortável espreguiçadeira. Ou o orador inseguro se pode imaginar a terminar a sua apresentação ao som de palmas e "bravos".

Que poderosa imaginação a do ser humano que de forma tão simples o liberta e engrandece afastando-o de vontades sócio consumistas. Esse é o Santo Graal, Catedral de Luz, Poção Mágica, Pedra Filosofal... essa é a Sagrada, Divina, Superior capacidade de imaginar do ser humano que somos todos.

Usai a vossa imaginação para transformar a vontades, impulsos ou desejos em algo ainda mais grandioso, possível e presente. Por ela se activa, com ela se expande, o nosso fantástico poder da mente.

Como imaginar o impossível (Lição 443)

Primeiro: Mais uma vez escolha aquilo que você gostaria de conseguir. Um objectivo que para si seja apenas um sonho. Um sonho que você pensa nem sequer valer a pena sonhar.

E será tão difícil atingir que a única coisa que lhe surge na mente quando pensa nele é a imagem de um quadro branco.

Ora, muito bem. Pegue exactamente nesse quadro branco, onde o seu sonho nem sequer aparece, e coloque-o na palma da sua mão direita. Fechando-a de seguida.

Agora, com os seus olhos abertos ou fechados, imagine o seguinte:

- Um elefante cor-de-rosa com penas verde alface;
- Um homem com chapéu de coco e uma cauda de crocodilo;
- Um comboio a navegar em pleno mar alto;
- Um arco iris só com as cores encarnado, laranja e amarelo;
- Uma árvore plantada numa nuvem;
- Uma chuva de sorrisos e abraços;
- O seu vizinho mais antipático a abrir-lhe a porta da rua e a levar a sua mala até ao carro;
- Você a entrar em casa e a ficar num pleno paraíso tropical, com o tronco de uma palmeira a dificultar-lhe a entrada.

Agora. Respire fundo. Olhe para a sua mão fechada e vá abrindo. Devagar. ■



www.hipno.pt



Mário Rui Santos
Terapeuta e Coordenador do Grupo Português de Hipnose e Motivação

